

Caso de polícia

RIO DE JANEIRO Uma nova onda de criminalização da política interfere nas eleições da capital fluminense

POR VICTOR CALCAGNO

Em um estado em que seis governadores foram presos ou afastados por denúncias de corrupção nos últimos quatro anos, não espanta que mais uma eleição no Rio de Janeiro, especificamente na capital, tenha virado caso de polícia. O ambiente contaminado da política fluminense incentiva e em certa medida embasa o protagonismo da Justiça e do Ministério Público, mas o *timing* das ações lança dúvidas no ar. Seria outra tentativa de criminalizar a política e interferir no resultado das urnas?

Em uma semana, três pré-candidatos foram alvo de operações ordenadas pelo Judiciário. O prefeito, Marcelo Crivella, do Republicanos, logo após o escândalo dos chamados “guardiões”, funcionários pagos pela prefeitura para afugentar jornalistas na porta de hospitais públicos, foi acusado de ligações espúrias com o empresário Rafael Alves. O esquema envolveria licitações fraudulentas, propina e até alterações no resultado do desfile das escolas de samba. Eduardo Paes, do DEM, que tenta voltar ao comando da cidade, é acusado de receber caixa 2 da Odebrecht na campanha de 2012. Cristiane Brasil, pré-candidata do PTB, teve a prisão decretada na Operação Catarata II, acusada de receber propina quando secretária do Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida.

Às vésperas do início das campanhas,

a influência da Justiça na disputa de novembro parece deixar ainda mais confuso o eleitor carioca. A descrença tem se refletido não só na quantidade crescente de votos brancos e nulos, além do comparecimento decrescente às urnas nas últimas eleições, mas em uma progressiva “falta de opção” que se traduz, no dia da votação, em equação que mistura voto útil com “aquele que parece menos pior”, afirmam cientistas políticos ouvidos por *CartaCapital*.

Tanto para Ricardo Ismael, professor na PUC-Rio, quanto para Paulo Baía, da UFRJ, o rumo das investigações vai defi-



Bretas defende o último enclave do lavajatismo

nir as eleições deste ano na cidade. Sem arriscar um motivo claro, ambos veem com desconfiança o fato de elas acontecerem justamente no período eleitoral, apontando especificamente para pré-candidatos diferentes e, nos casos de Brasil e Paes, em denúncias de anos atrás que poderiam ter sido feitas antes. “Não são estranhos os crimes, mas são estranhas as datas”, afirma Baía, que ressalta o sentimento punitivista que a política carioca despertou no eleitorado, herança que vem da Lava Jato e da gestão do ex-governador Sérgio Cabral. “Fato é que essas investigações serão o centro da disputa, pois vão deslocar a discussão político-ideológica e os problemas da cidade para uma questão criminal, espécie de gincana policial que pode afetar bastante Paes e Crivella, além de comprometer inteiramente a campanha de Cristiane Brasil.”

A reação mais imediata é a contaminação das campanhas com ataques direcionados entre os candidatos, de forma a lançar o eleitor em um jogo para descobrir, ao menos no primeiro momento, “quem rouba menos”, acrescenta Baía. Ainda que Paes e Crivella tenham um eleitorado fiel, as acusações balançariam os indecisos e fariam o voto útil ter mais força em um segundo turno.

É preciso, no entanto, ter em conta que as investigações do Ministério Público atingem os candidatos de maneira diferente, lembra Ismael, para quem a campanha começará na defensiva e obrigará os candidatos a mudar seus discursos anticorrupção – caso específico de Crivella. Quanto a Paes, a situação, segundo o professor, é menos grave, pois a acusação de caixa 2 data de 2012, a partir de delações premiadas. Apesar de associado pela oposição a Cabral, Paes não seria tão afetado pela acusação requestrada nem precisaria mudar muito sua estratégia de campanha.



Crivella lida com denúncias atuais...



... Paes, com histórias requentadas

Crivella estaria em situação pior, a começar pelo fato de os crimes supostamente terem sido cometidos durante sua gestão, mal avaliada, diga-se. O esquema dos “guardiões”, revelado em 31 de agosto, motivou um pedido de *impeachment*, barrado por uma margem de apenas dois votos, e colocou mais pressão sobre o prefeito. Como candidato, ele terá de explicar as mensagens trocadas com Alves, nas quais o empresário cobra ações de Crivella, além da nomeação de seu irmão, Marcelo, para a Riotur. O prédio do órgão responsável pelo turismo da capital carioca, na Zona Oeste, tinha inclusive uma sala reservada a Rafael, que não era funcionário da empresa, onde se desenrolariam os esquemas de licitações fraudulentas, no que ficou conhecido como “QG da propina”.

“As acusações contra Crivella e Paes beneficiam os candidatos que representam, num primeiro momento, a reno-

vação”, afirma Ismael, em referência à delegada Martha Rocha, do PDT, e Renata Souza, escolhida pelo PSOL após a desistência de Marcelo Freixo. “Quem ganha é, principalmente, a Martha (Rocha), porque muitos dos eleitores de Freixo parecem ter se dividido entre ela e Paes”, diz Baía, que ressalta ainda o papel da petista Benedita da Silva na disputa. “São três mulheres que saem ganhando e têm peso, caso haja voto útil em um segundo turno.”

Os escândalos tendem a contaminar o debate durante a campanha e a aumentar a descrença dos eleitores da cidade

No turbilhão político carioca, há ainda a influência da família Bolsonaro. Carlos e Flávio apoiam Crivella. Ainda que a investigação que mais interessa à família, o esquema das “rachadinhas”, corra no âmbito estadual, o controle da cidade não faria mal, avaliam Baía e Ismael. O atual prefeito pode ter, eventualmente, o apoio informal do juiz Marcelo Bretas, evangélico e presente em um evento religioso recente com Crivella – o que gerou outra investigação do MPF –, em parceria que reacende um teor lavajatista da disputa. “Mas é improvável que o presidente Jair Bolsonaro vá se melindrar nesta eleição, sobretudo no primeiro turno”, diz Baía. Ismael complementa: “A eleição não vai ser um plebiscito contra ou a favor de Bolsonaro. Apesar de ele mobilizar uma parte do eleitorado, ela é insuficiente, e o Rio tem problemas bem maiores”. •

TOMAZ SILVA/ABR E FERNANDO FRAZÃO/ABR